
O INTERMINÁVEL TEXTO DE LUIS SERGUILHA*

E. M. de Melo e Castro**

O interminável texto de LUIS SERGUILHA também não tem começo
O interminável texto de LUIS SERGUILHA vem de quem para além
O interminável texto de LUIS SERGUILHA pára por aqui para poder ser lido
O interminável texto de LUIS SERGUILHA é um contínuo fragmento que se repete
diferenciadamente diferente

O interminável texto de LUIS SERGUILHA é um organismo celular imitando a vida
orgânica

O interminável texto de LUIS SERGUILHA compõe-se assim

*“ Uma tripulação DE condores desmantela a espessura DOS puxadores DE colares
ao arrasarem as janelas DAS órfãs estações que sustentam as amarras DOS avulsos
venenos nas tíbias seculares DOS reciclados frutos.... ” (citação ao acaso).*

Ou seja:

aaaa + DE + bbbbbbbb + DE + ccccc + DE + dd.....

Fórmula esta em que a , b , c , d são tropos variavelmente compostos por
substantivos / adjectivos / verbos ... e raramente complementos, onde podem apare-
cer preposições e conjunções auxiliares.

* Recebido em 16.09.2014. Aprovado em: 30.09.2014.

** Português de Covilhã. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1998), engenheiro, escritor, poeta experimental, crítico, ensaísta e artista plástico. Diplomou-se em Engenharia Têxtil, pela Universidade de Bradford, em 1956, onde foi professor de Design Têxtil no Instituto Superior de Arte, Design e Marketing. A publicação de páginas especiais dedicadas à poesia experimental, no Jornal do Fundão e no Notícias de Luanda, foi iniciativa sua, sendo também, um dos organizadores do segundo caderno de Poesia Experimental Portuguesa (ver: Poesia Experimental Portuguesa) e de outras publicações como Hidra e Operação I.

Trata-se de uma cadeia interminável de substantivos adjectivados com activação verbal geralmente intransitiva (que não são acompanhados de complementos) e tropos copulativos ou de qualificação circunstancial.

Para sabermos de que trata o *O interminável texto de LUIS SERGUILHA* devem portanto ser catalogados os substantivos e os verbos que regem as células intervalares entre as preposições DE e suas variações DA, DAS, DO, DOS. Estas preposições estabelecem entre os tropos intervalares uma relação de dependência ou de derivação, que tornam *O interminável texto de LUIS SERGUILHA* uma espécie de série de caixas chinesas, encaixando sucessivamente umas nas outras.

Verifiquemos, num outro texto, por exemplo um fragmento do poema XI, o funcionamento desta concepção textual :

*Pássaro de transições fluviais
 timidamente a pique na curiosidade bêbeda dos triângulos
 Pássaro vermelho das éclogas procurando os estalidos dos fórceps
 da claridade
 sobre os cingidouros extravagantes dos noticiários que empavoaam
 as patrulhas do relâmpago
 nos ascensores vigilantes dos polvos implacáveis
 As asas esplendorosas protegem as confidências
 disponíveis nos cais enrouquecidos
 onde os ângulos centenários dos chocalhos batucam
 as esquadrihas sôfregas dos polichinelos pendulares
 Os alfarrabistas impacientes engomam as esporas bronzeadas dos venenos
 para empoarem os semáforos imperceptíveis das sórdidas armações
 como as áspides dos algozes a reclamarem o exílio patriarcal
 das meretrizes dançarinas
 As barbatanas libertinas dos cofres geológicos planam
 sobre as escadarias cristalizadas dos astrólogos
 excepcionalmente arregaçados
 no parapeito odorífero dos bordéis
 onde a argamassa experiente dos mastros
 são os reflexos compulsivos dos pulmões
 Os pássaros alienígenas mergulham nas incubações
 das gadanhas rebocadas para tremularem obstinadamente
 entre os círculos repercutidos
 das balanças pélvicas das divas (SERGUILHA, 2004, p. 102).*

façamos agora o inventário dos substantivos presentes nas células intervalares entre as preposições, com o intuito de isolar a ‘substância’ que se faz este texto:

pássaro, pique, curiosidade, triângulos, pássaro, écloga, estalido, fórceps, claridade, cingidouros, noticiários, patrulhas, relâmpago, ascensores, polvos, asas, confidências, cais, ângulos, chocalhos, esquadrilhas, polichinelos, alfarrabistas, esporas, venenos, semáforos, armações, áspides, algozes, exílio, meretrizes, barbatanas, cofres, escadarias, astrólogos, rapeito, bordéis, argamassa, mastros, reflexos, pulmões, pássaros, incubações, gadanhas, círculos, balanças, divas.

Verificamos que estes 47 substantivos desenhavam uma possibilidade ficcional, pois com eles se poderiam escrever várias histórias que de facto estão no genotexto deste poema. O leitor poderá imaginar algumas dessas histórias. O autor, esse, organizou esta matéria ficcional potencial, adjetivando cada substantivo por vezes de um modo inesperado e insólito, e organizando o texto da forma já descrita, usando preposições para tecer uma rede topográfica e proposital.

Outro elemento de análise estrutural é o uso das maiúsculas sem que haja qualquer pontuação, a não ser a distribuição espacial do texto onde não parece verificar-se nenhuma regra ou motivo, a não ser um sentido intuitivo do ritmo da leitura e da respiração.

No prefácio que escrevi para o livro *Embarcações* (2004) de Serguilha, fiz a seguinte observação:

Vem isto a propósito do mar de palavras que é a poesia do Luís Serguilha. Mar de palavras, imagens, metáforas, intermináveis e diferentemente sempre iguais, podendo os poemas começar e terminar em qualquer delas, em qualquer lugar ou tempo. Um interminável magna de sugestões, um escaldante rio de lava, é o que o leitor recebe, ao ler os poemas deste livro ... Mar, magma, rio, lava, ebulição, energia em transformação, são certamente as metáforas que eu, como leitor, recolho destes textos, a que por isso mesmo chamo de poesia. E a contrario senso recordo-me do Ezra Pound dos excessivos CANTOS ou CANTARES (1973), ele que tinha por norma condensare e que entendia que poesia era dizer o máximo no mínimo de palavras... Mas, e se poesia for também dizer quase o mesmo no máximo de palavras?

E se, *quase o mesmo*, for um princípio de autossimilaridade, como no caso das imagens fractais, como no caso do mar, como no caso do rio de lava em ebulição?

E se o *máximo de palavras* for o inesgotável repertório de uma língua, tendendo assintoticamente para o infinito?

Para não correr o risco de dizer o mesmo por outras palavras, fiz esta autocitação, porque penso que de um modo geral, se pode aplicar também ao livro que agora também prefacio. Porém, agora, não me socorreria de Ezra Pound, nem mesmo a contrario senso, mas sim recordaria o esquema ou algoritmo linguístico chamado de *terza rima*, usado por Dante em *A divina comédia* (1981) e ressuscitado por Haroldo de Campos no extraordinário poema *A máquina do mundo re-pensada*.

Procurarei fazer-me entender, no porquê de uma aparentemente talvez insólita aproximação teórica:

A *terza* rima desenvolve-se numa estrutura encadeada e fluente que teoricamente tende para o infinito. O esquema rímico é o seguinte: em cada terceto rimam o primeiro e o terceiro versos; o segundo verso fornece a rima para o primeiro e terceiro versos do terceto seguinte, como se mostra no esquema

A progressão do texto depende portanto da rima do segundo verso, sendo a sua escolha dependente da criatividade do poeta ou, como diria Charles S. Peirce (1972), é de natureza abduativa, visto que representa um salto imprevisível na evolução do poema.

A *terza* rima contém assim todos os caminhos, porque pode comportar sempre mais uma outra rima. Lembremo-nos do que escreveu Goethe (1900): “se queres caminhar para o infinito / anda para todos os lados do finito”. O infinito será aqui o território dos arquétipos construído a partir do finito que é o território do texto?

A resposta a esta pergunta poderá ser afirmativa, uma vez que esse território do texto, construído pelo algoritmo linguístico que é a *terza* rima, é um procedimento essencialmente criativo, isto é, poético.

O mesmo se poderá dizer do algoritmo linguístico que estrutura os poemas em prosa deste livro de Serguilha e que enunciei no início deste prefácio:

aaaa + DE + bbbbbbbb + DE + cccccc + DE + dd

Trata-se obviamente, em ambos os casos, de algoritmos linguísticos sequenciais cujo fim depende apenas de quem os pratica. O primeiro, *terza* rima, de natureza rimática e aberto às metáforas mais variadas. O segundo, de natureza sintagmática e metonímica, em que as imagens (paradigmas a, b, c, d ...) se organizam numa aparente hipotaxe ou subordinação, gerando uma melopeia de características encantatórias, numa magia sonora muito própria destes textos poéticos. Textos que, por isso mesmo, devem ser lidos em voz alta para serem devidamente fruídos.

Estamos assim, perante uma inesperada recuperação das origens orais da poesia, que nas repetições, não já apenas paralelísticas e rímicas, típicas do verso, mas sim estruturais e sintáticas ao modo da prosa, se reencontram consigo mesmas, como fenómeno genésico de comunicação e de encantamento, para além dos sentidos denotativos das palavras e, principalmente até para além dos vários sentidos conotativos e das metáforas.

Poderá até dizer-se que se trata de uma trans-semântica, o que nos autoriza a pensar numa língua poética diferente da língua pragmática da comunicação quotidiana, mas sim, talvez a forma de comunicação que remonta às origens da humanidade .

Nos 37 textos que constituem o livro, este procedimento repete-se, em variações subtis e surpreendentes, constituindo um interminável revoltear sobre si próprio, muito mais de natureza musical do que até, propriamente literária.

Mas já Décio Pignatari (2004) – poeta brasileiro – disse que a poesia não faz parte da literatura por que é cocaína em estado puro.

Esse estado de fluido de fruição interminável encontra-se muito especialmente presente no último poema do livro, intitulado *Canário-do-mar*, sintomaticamente dedicado ao genial guitarrista Carlos Paredes.

Lisboa, 2005-11-25.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução de Hernani Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

CAMPOS, Haroldo de. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

GOETHE, J. W. *O Fausto*. São Paulo: Iluminuras, 1900.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia 1950-2000*. Campinas: Unicamp, 2004.

POUND, Ezra. *Cantos e Cantares*. São Paulo: Iluminuras, 1973.

SERGUILHA, Luis. *Embarcações*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.